

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XII SETEMBRO A DEZEMBRO DE 1907 N.º 9 A 12

O Castro de Sacoias

Ao oriente de Bragança, de onde dista 10 kilometros, em terreno levemente declivoso, voltado ao nascente, entre duas linhas de agua apenas vivas na estação das chuvas, afluentes do pequeno ribeiro de Igrejas, que lhe corre a 1 kilometro de distancia e desagua no Sabôr em Gimonde, está situada a povoação de Sacoias com os seus quarenta e cinco fogos, annexa da freguesia de Baçal, e não da de Meixedo, como traz o *Portugal Antigo e Moderno*.

Antes do actual arredondamento das freguesias, decretado pelo systema constitucional, o seu parochio, com o titulo de «cura», era da apresentação do abbade de Meixedo; mas nem sempre assim foi, porque das *Inquirições* consta serem os moradores de Sacoias os que o apresentavam: «Villa de Soquois est foraria domini regis et ecclesia ipsius villa stat in hereditate foraria... Et homines de ipsa villa qui sunt forarij domini regis abbadant ipsam Ecclesiam qui sic habent de consuetudine¹».

O *Portugal Antigo e Moderno*, guiado pelo *Portugal Sacro-Profano*, diz que o cura de Sacoias em 1757 tinha 7\$000 réis de congrua e o pé de altar, mas este arbitramento foi posteriormente alterado, como se vê por uma sentença dada em Bragança, a 29 de Junho de 1799, pelo Vigario Geral e Juiz dos Residuos e Casamentos, Dr. Caetano José Saraiva, abbade reservatario de Montouto, transcrita nos livros do archivo d'esta freguesia.

¹ *Inquisitiones* de D. Affonso III, livro II. Livro das Inquirições da Beira e Alem-Douro mandadas tirar por el-rei D. Dinis em 1290.

Segundo essa sentença os curas de Sacoias, Varge e Avelleda, todos da apresentação do abbade de Meixedo, foram alfim, depois de muitas reclamações, attendidos na sua pretensão de aumento de congrua, que subiu para cada um a 10\$000 réis em dinheiro, 36 alqueires de pão e 4 1/2 almudes de vinho, paga uma terça pela Real Capella de Villa Viçosa e as outras duas pelo abbade de Meixedo.

Não devem ter razão os que derivam o etymo de Sacoias de *saco* ou *saque*¹, pois, ao que entendo, deve provir, como o de tantas outras povoações d'estes sitios, do nome arabe proprio de homem *Zacoi* ou *Zacoy*, vulgar no sec. x². Damião de Goes³ menciona um xeque de Moçambique com o nome de *Çacoeia*, que visitou Vasco da Gama quando ia ao descobrimento da India. Tambem o onomastico local dá algo que rescende a arabe, como *Xara* e *Babão*, sitios do seu termo⁴.

Sacoias que tão nobilitarios pergaminhos archeologicos conta em sua cellula-mãe, o castro romano de que abaixo fallaremos, continuou ainda durante muitos annos de monarchia portuguesa a ostentar documentos da sua importancia.

Assim numa casa particular encontrei uma bulla de pergaminho, dada em Roma aos 22 de Junho de 1563, que permittia erigir uma confraria do Santissimo Corpo de Nosso Senhor Jesus Christo na igreja de S. Sebastião do logar de *Caquoias* ou *Quaquoias*, que com esta variedade de graphia o menciona.

É de saber que hoje não ha memoria de tal confraria nem igreja; presumo que esta ficaria no meio do povo, no sitio onde está agora o tanque de cantaria e fonte de arco, obras feitas em 1898 a expensas do povo, que conduziu a agua de uma distancia de 400 metros por canalização de chumbo, agora em via de substituição por outra de ferro zincado, por causa do irregular funcionamento d'aquella. Pois nesse sitio appareceu grande quantidade de ossos humanos, de cuja inhumação não havia memoria, e nelle existia uma cruz de madeira; como é sabido, os canones mandam levantar esses symbolos nos logares das igrejas e capellas arrasadas.

Esta igreja de S. Sebastião seria a que depois um documento da Camara Municipal de Bragança chama «do Santissimo Sacramento», talvez do nome da confraria nella erecta. Este documento é de Agosto

¹ José Henriques Pinheiro, *Estudo da estrada militar romana de Braga a Astorga*, p. 72.

² *Port. Mon. Hist.*, documentos 40, 113, 290.

³ *Chronica de D. Manoel*, parte 1, cap. xxxvii.

⁴ Fr. João da Cruz, *Vestigios da lingua arabica em Portugal*.

de 1697, e contém o registo do diploma de um *manposteiro* nomeado para essa igreja ¹.

Tambem na mesma camara se encontra registado o seguinte alvará: «Eu o principe como regente e governador dos Reinos de Portugal e Algarves. Faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que por sua petição me representaram os moradores do lugar de Sacoias termo da cidade de Bragança pedindo-me lhe concedesse licença para se fazer livremente feira naquelle lugar no dia que se celebra a festa no dia de Nossa Senhora da Assumpção em 15 dias do mez de Agosto aonde havia grande concurso de gente assim deste reino como de Castella e Galliza pelos muitos milagres que a Senhora tem feito e de continuo faz e visto o que ellegam. . . . hei por bem e me praz que possam fazer feira somente no dia de Nossa Senhora da Assumpção. . . . Lisboa 6 de Março de 1669» ².

Quanto aos milagres, ainda hoje entre os Sacoenses vigora firme a crença de que nos partos laboriosos o manto da Virgem da Assumpção lançado por cima das parturientes é de efeitos rapidos, crença que porém tem diversas ramificações ethnicas e origem pre-christã.

A feira caiu em desuso; hoje não ha memoria d'ella, embora a festa da padroeira seja muito concorrida ainda no seu dia, a 15 de Agosto.

A lenda referida por Pinho Leal relativa a tocarem-se espontaneamente os sinos da igreja de Sacoias no 1.º de Dezembro de 1640, ainda que hajamos de a despojar de toda a sua importancia miraculosa ³, mostra pelo menos o entusiasmo patriotico com que esta boa gente acolheu aquelle fausto acontecimento.

Ao norte, e a 500 metros do povo de Sacoias, eleva-se o seu castro, assaz conhecido na litteratura archeologica ⁴ e por isso nos dispensa descripção especial. Aos objectos archeologicos referentes a este castro e constantes dos logares citados, vamos agora juntar mais alguns.

¹ *Registo Maior* da Camara de Bragança, n.º 1, fl. 167.

² *Registo* da Camara de Bragança, fl. 4 v.

³ Vid. Fr. Benito Feijó, *Suplemento de el Theatro Critico*, Madrid 1746, t. ix, p. 200, onde se apontam factos identicos, que a judiciousa critica do sabio beneditino repulso para o país das lendas.

⁴ *Revista Archeologica e Historica*, 1887, p. 92; *Revista de Guimarães*, 1889, v, p. 88; José Henriques Pinheiro, *Estudo da estrada romana de Braga a Astorga*, pp. 68 a 72 (as tres lapides ahí apontadas, e descritas depois por Hübner, *Supplementum 7 H. L.*, n.ºs 903, 5619 e 5420, foram por mim indicadas a Pinheiro e por meu intermedio estão hoje no Museu de Bragança); Albino dos Santos Pereira Lopo, *Bragança e Banquerença*, p. 54; *O Arch. Port.*, I, 313; IV, 47 e 155 e V, 79; J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, II, 65 e 331.

Muitas vezes, ao ficar-me longas horas a scismar sobre o passado d'aquellas ruínas, a reconstituir na mente a vida do povo *late rex* que alli deixou tão abundantes vestígios, tinha sentido a falta de algum symbolo notavel do culto catholico que as santificasse, e mais de uma vez na catechese aos meus parochianos de Sacoias os tinha exhortado a levantarem, ao menos, uma modesta capella naquelle local veneravel pelos vestígios e tradições dos seus maiores, sempre pensando commigo que a christã que já alli existira se teria assentado orgulhosa, vencedora, sobre o *fanum* proscrito, como é sabido, certo que algo de importante devia encontrar, como me succedeu noutra no termo de Travancas, concelho de Chaves, quando nos annos que fui parochico em Mairos (1890-1896) consegui que o povo levantasse, numas ruínas cheias de poeticas lendas e tradições, a capellazinha do Senhor dos Afflictos, desde logo muito venerada e concorrida de romeiros no dia da sua festa; tanto revive atavicamente no povo o sentimento dos *loca sacra!* Ahi, por essa occasião, nas excavações encontrei varias reliquias da civilização romana que brevemente descreverei.

Em 1904, ao ler e explicar aos Sacoenses a notavel *Exhortação Pastoral sobre o Jubileu da Definição do Dogma da Conceição Immaculada da Virgem Santissima*, do egregio Bispo de Bragança, D. José Alves de Mariz, relembrei-lhes o que tantas vezes tinha dito, animei-os a commemorarem aquelle fausto acontecimento no mundo catholico com a erecção de um templo á Virgem. Foram alfim attendidas as minhas pretensões, e para logo o povo se deitou a trabalhar, carreando materiaes, abrindo vallas no lombeiro do Castro: o templo foi construido, a sua inauguração solemne fez-se a 4 de Junho de 1905, e com tanta sorte se andou que, sem haver noticia precisa do local onde fôra o primitivo já christão, talvez construido sobre as ruínas do antigo pagão que alli deve ter existido, fomos collocá-lo mesmo em cima d'elle, pois descobrimos os seus alicerces muito abaixo da superficie do terreno que andava entregue á cultura cerealifera.

Estes alicerces deviam pertencer àquella igreja de que fala Pinho Leal¹, que diz, baseado na tradição, ser antiquissima, ascendendo a sua construcção aos Godos, e sendo depois convertida em mesquita mourisca, pois a mesma tradição refere que a matriz actual, situada no meio do povo, foi construida haverá dois seculos, com os materiaes da do Castro. E a capella onde, segundo o mesmo autor, situada no povo, se conservava o Santissimo, seria a de S. Sebastião, já mencionada.

¹ *Portugal Antigo e Moderno*, artigo «Sacoias».

É porém de saber que a matriz actual nada contém que nos faça ascender a tão alta antiguidade. Apenas apresenta com taes ou quaes visos de notabilidade architectonica o portal e o frontispicio: este é todo de granito lavrado, assente á fiada, e aquelle de verga ou padieira direita, assentada horizontalmente sobre as hombreiras desprovidas de qualquer ornato, bem como a verga que está protegida ou encaixada numa especie de arco tão abatido que parece mesmo horizontal, apenas ao longo do friso corre um ornato em grosso zigue-zague. Ladeiam o portal (vid. fig. 1.^a) quatro columnas de granito, duas de cada lado, retorcidas em seis espiraes, encimadas por uns capiteis que arremedam os corinthios apenas nas grandes volutas, mas não tem as outras que tanto embellezam esta ordem architectonica, nem os renques das folhas de acantho e respectivos cauliculos, nem o florão, ou melhor, tem um ornato a pretender substitui-lo, que é uma copia das grandes volutas dos angulos. O abaco é ornado por dois filetes. Os capiteis assentam directamente sobre os fustes desprovidos de colarete, o que lhes dá um aspecto achapado pouco agradavel. Para fazerem concordar os capiteis de configuração rectangular com o cylindrico das columnas, chanfraram-os junto á base, que adelgagaram convenientemente, cobrindo-a de caneluras. Encima tudo isto um largo frontão em semicirculo, aberto ao alto, no meio do qual um nicho, em fórma de concha, contém a imagem de pedra da padroeira, N. S. da Assumpção. Na verga d'este portal lê-se: AN 1668 NOS que seria quando se levantou a igreja com os materiaes da do Castro, como refere a tradição; depois, talvez para indicar obra posterior, abriram sobre o segundo algarismo um 7 e sobre os seguintes respectivamente 9 e 1, que dá 1791. Tambem nas costas do retabulo do altar-mór, atrás do camarim da padroeira, ha este letreiro:



Fig. 1.^a — Frontispicio da Igreja de Saoias (1905)

SENDO ABADE O Rd. FRANCISCO GIL ANNO 1724.

Este abbade não o foi propriamente de Sacoias, mas sim de Meixedo, a cuja freguesia pertencia o padroado d'aquella, e por isso era obrigado ás obras da capella-mór. D'elle se lembram os nossos dictionaristas bio-bibliographicos sem indicarem o dia e anno da sua morte, que teve logar a 17 de outubro de 1739, como se lê na sua campa na capella-mór da matriz de Meixedo e respectivo assento de obito nos livros do registo parochial, e até protraahindo o anno em que tomou posse da freguesia, que collocam em 1730¹, pois desde 1717 por deante consta nos livros do archivo parochial de Meixedo, a sua existencia como parcho. Cumpre-me aqui agradecer ao muito illustrado Manoel Antonio Rodrigues, actual abbade de Meixedo, a boa vontade com que me facilitou nos respectivos livros do archivo da sua igreja estas investigações, que auxiliou com o seu muito saber e zelo inexcedivel por estas cousas.

A igreja tem ainda como digno de menção o retabulo do altar-mór, de alto relevo, de madeira: consta de quatro columnas, duas de cada lado, retorcidas, carregadas de folhagem de videira com uvas e aves depenicando nellas. Por cima d'este corpo de construcção quis-se sobre-pôr outra ordem architetonica, e, para abreviar ou antes obedecer ao estylo da epoca, assentaram sobre as architraves que ligam as columnas as taes quartellas caracteristicas das construcções dos seculos XVII e XVIII, ditas estilo dos jesuitas.

Vemos, pois, que a actual matriz de Sacoias, construida com os materiaes da do cástro, nada conserva que mostre a antiguidade que lhe querem dar. Encontro porém nella um ornato que muito me tem prendido a attenção: é uma fórma de *suastica* de que ha quatro exemplares: dois nas bases das columnas do altar-mór, e outros dois ao meio dos fustes das de um altar lateral, á esquerda de quem entra. Estes ornatos, semelhantes ao tetrasceles e trisceles da Citania², não sendo, como não são evidentemente, adaptados de obra anterior, excluem a supposição de uma alta antiguidade; e, comquanto a sua genese se filie numa civilização preponderante, dita mycenia, como depois foi a romana, apenas demonstram a supervivencia d'este symbolo pelas idades futuras³, se é que originariamente o *suastica* não traduz, como parece, os liniamentos principaes de uma flor a desabrochar, como o cone truncado e entumescido em que, os que aqui aponto, estão insculpidos, deixam suppôr.

¹ Portugal, Dictionario Historico, artigo «Gil».

² Portugalia, t. 1, fasc. 1, p. 6 e sgs.

³ Revista Archeologica, II, 63.

Baseados nos mesmos motivos ornamentologicos, encontrei similiares fórmãs de *suastica* nas almofadas da porta lateral da igreja de Montezinho, freguesia de França, e nos fustes das columnas de um altar lateral á esquerda de quem entra, na igreja de Meixedo, tudo no concelho de Bragança.

*

Já atrás nos referimos a tres inscripções lapidares encontradas no Castro de Sacoias, cabendo agora aqui advertir que as divergencias que se notam no texto de uma d'ellas dado por Pinheiro e Hübner, do qual a verdadeira lição é a d-*O Arch. Port.*, v, 79, procedem de não se poderem ver todas as letras, quando o primeiro a copiou originariamente e a divulgou, por estar a lapide mettida numa parede, vindo só a completar-se o texto quando ella foi para o Museu de Bragança.

Accrescem a estas mais as seguintes:

RIF

LXST

Está na casa de José Accacio Vidal, em Sacoias, e serve de hobreira na boca de um forno. Pedra tosca, de granito grosseiro, apenas lavrada na parte da inscripção, contida num quadrilatero rebaixado na lapide. A parte superior da lapide foi partida para a adaptarem á nova serventia, bem como a direita que chanfraram convexamente para o mesmo fim. Nem abaixo das duas carreiras de letras que apresento, nem entre ellas, cabe espaço para mais, devendo portanto suppôr-se que as que faltam para completar as fórmulas, em taes casos usadas, e nomes estavam nas partes quebradas.

Altura da lapide 0^m,41, largura 0^m,25, espessura 0^m,13. Letras irregulares, de altura variavel, em media 0^m,04. Estas dimensões não serão rigorosamente exactas, por a situação da pedra não consentir tirá-las melhor.

Como se vê, trata-se de uma lapide romana funeraria; falta nella, pelo menos, o nome do defunto cuja memoria perpetuava; apenas indica que era filho (ou filha)¹ de um individuo que faria o genitivo do

¹ F $\left\{ \begin{array}{l} (ilius). \\ (ilia). \end{array} \right.$

seu nome em RI, o qual tinha 60 annos de idade, e os sobreviventes desejam-lhe o *S(it) T(ibi terra levis)*.

Tambem no mesmo castro appareceu outra lapide de granito, que fiz transportar para o Museu Municipal de Bragança; divisam-se-lhe ainda vestigios de letras, mas tão apagados, que ainda não foi possível decifrá-la.

Numa parede da casa de Manoel Gonçalves, de Sacoias, encontra-se a parte superior de outra lapide de granito, tambem funeraria. Contém por baixo de um ornato rosaceo as letras

D. M.

iniciaes da bem conhecida fórmula da epigraphia romana *D(iis) M(ani-bus)*. Veio do mesmo castro, bem como uma que serve de lareira em casa de José Vinhas e outra na de Alexandrina Pinella, que apenas conservam duas letras nas extremidades, havendo sido as restantes comidas pelo fogo. São ambas de granito; e de igual materia era outra encontrada no mesmo sitio por João Pinello, que a esmagou para metter no lastro de um forno, sem veneração pelas muitas letras que tinha! Que os deuses manes o persigam, bem como a todos os selvagens que praticam tão horrendos crimes!

*

Vamos agora dar uma resumida noticia do espolio archeologico mais importante encontrado no Castro de Sacoias, por occasião das escavações para a erecção da nova igreja. Consta do seguinte:

Um gancho de cobre (fig. 2.^a) que teria identico uso ao dos actuaes alfinetes de segurança. Tem de comprimento 0^m,094. A cabeça é constituida por delgada laminazinha em cuja base, já no corpo do alfinete, existe um orificio, o que gera a suspeita de haver pertencido tal objecto ao fusilhão de alguma fibula;

Uma conta de pedra, em fórmula de disco espesso, analoga aos cossiros que tem apparecido em varias estações prehistoricas. Tem de diametro proximamente 0^m,033;

Uma *mola manualia*, a tal mó castreja, e fragmentos distinctos de outras cinco. Tambem já ha annos mandei para o Museu de Bragança outra encontrada neste local. O *catillus* (ou melhor «andadeira», pois aquelle nome não corresponde ao objecto similar que Rich e Cagnat nos apontam nos respectivos dictionarios), de que só appareceu parte, tem de espessura media 0^m,08 e mostra metade do orificio por onde caía o grão e outro orificio, junto ao disco, onde devia entrar a mani-

vela que servia para lhe imprimir movimento rotativo. A dormente tem ainda um orificio no centro, que a atravessa toda, d'onde devia sair o eixo, que entraria na segurelha adaptada á parte debaixo da andadeira, e serviria para a conservar a igual distancia d'esta, não a deixando escapar no seu movimento giratorio. Fica por tanto liquidado que neste systema de trituração, usado pelos Sacoienses, o movimento giratorio era imprimido com a mão sobre o pinasio ou manivela que entrava no orificio junto á face do disco.

É notavel a sobrevivencia da mola castreja, cujo typo se desvia muito do classico romano e não é característica da civilização d'este povo.

Muitos foraes dados por el-rei D. Manoel, como os de Anciães, Bragança, Moncorvo, Mirandella e outros, deixam suppor que ella ainda então aqui funcionava. Assim lemos, por exemplo, no de Mirandella dado em 1512, visto com elle concordarem os mais, debaixo da rubrica «moos», ao tratar dos direitos da portagem: «E de moos »de barbeiro dous reaes e das de moinhos ou atafonas quatro reaes »e de casca ou azeite seis reaes. E por mos de maão pera paã ou »mostarda hum reall».

É evidente, pois, que coexistiu nestes sitios, com o moinho de maiores proporções ou atafona, talvez similar á mola romana do typo classico de Rich, a pequena mó manuarial, simplés modificação para facéis e commodos usos caseiros, em que se aproveitavam até as forças das crianças, das mulheres, nas intermittencias do labor domestico, e mesmo as dos homens nas longas noites de inverno.

Visitando ha pouco as importantes ruinas da villa de Anciães, despovoada no sec. XVIII, encontrei alli algumas nós do typo castrejo, que denotavam largo uso, e outras esboçadas apenas a indicar fabrica d'ellas.

E já que fallei em Anciães, seja-me licito levantar aqui um brado contra o desleixo bem caracteristicamente português que alli impera.

Não fallo da incuria ou ignorancia dos chorographos, ainda os mais recentes, que nos dão aquella antiga villa do districto de Bragança como povoada, sendo que ha mais de um seculo que alli não vive ninguém, mas da criminosa indiferença de quem, devendo olhar para estas cousas, deixa aniquilar, pela selvajaria do nosso povo, aquella veneranda reliquia, que noutra nação que tivesse verdadeiras noções estheticas, culto pela arte, ha muito teria sido declarada monumento nacional. Ali desfazem o tempo e o homem, ainda mais destruidor, um templo que devia ser uma belleza architectonica. As suas paredes cobertas de inscrições em typo monachal ou allemão, algumas das

quaes nos dá Cardoso, mas mal copiadas, e siglas dos canteiros, estão ainda em pé, graças á solidez da construcção e bom apparelho do granito, grande cantaria, assentado á fiada, apesar de haver muitos annos que o telhado as desgarneceu por completo.

Tem esta igreja (refiro-me á que está dentro do recinto das muralhas, pois fóra d'estas ha outra) duas portas lateraes em semicirculo, com a archivolta muito ornamentada, e em cada uma d'ellas um tympano com um ornato completamente vasado, furado de lado a lado, a imitar a cruz dos templarios, a qual encontrei gravada em relevo em varias pedras espalhadas pelo chão, que indicavam haverem servido de corucheus.

É sabido que no principio a cruz de Malta e a dos templarios se confundiam no feitto, distinguindo-se apenas nas côres¹; mas, não mencionando este diligente investigador nem Frei Lucas de Santa Catharina², bens alguns pertencentes na propria villa de Anciães á ordem de Malta, que os possuia perto d'alli, como elles apontam e o onomastico ainda hoje indica, —Mógo de Malta ou seja Marco de Malta— e, dizendo-nos por outro lado Carvalho da Costa, na sua *Chorographia* e a lista das commendas que vem no fim dos *Estatutos dos Cavalleiros e Freires da Ordem de Christo*, que esta igreja e a dos extramuros eram cabeças de duas commendas d'esta ordem, á qual passaram os bens dos templarios, não será despropositada a classificacção que damos ás ditas cruces.

Mas, o que sobretudo encanta é a porta principal, soberbo trecho de estilo romanico, como haverá poucos em Portugal, dos secs. XII a XIII e posterior sem duvida entre nós, dada a lentitude com que sempre acompanhamos as evoluções da arte. É um semicirculo de cinco archi-voltas profusamente ornamentadas com folhagens, caras grotescas e animaes symbolicos, que repousam sobre oito columnas, quatro por cada lado, as quaes já não existem! Que os que velam pelos monumentos nacionaes acudam a este, pois se não

.....correm
Póde ser que não achem quem soccorrem.

O tympano d'esta porta, tudo de granito, é um baixo relevo que representa diversas personagens biblicas. Por dentro da igreja, junto

¹ José Anastacio de Figueiredo Ribeiro, *Hist. da Ordem do Hospital*, parte 1, §§ XIX e XX.

² *Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta*.

ao cimo das paredes, corre por cada lado uma larga faixa, constituida por um ornato entrelaçado deveras elegante.

Ha junto a ella um recinto vedado por alto muro, tambem sem cobertura, sarcophago de alguma familia illustre, pois, nos quatro ou cinco arcos em ogiva de lanceta, que comporta, mettidos nas paredes, vêem-se compridas pias de granito, cavadas trapezoidalmente, com a configuração da parte superior do tronco humano, hombros e cabeça, na orientação nascente-poente, e para este lado a cabeça. Identica a estas sepulturas vi mais tres a sul e perto da outra igreja extramuros, mas são cavadas na rocha firme.

Mas deixemos tantas e tão poeticas ruinas, que fazem dó e estão clamando pelos olhos de ver de quem tem corregimento d'estas cousas; ahi fica o nosso grito de rebate, chamando ao mesmo tempo a attenção para ellas dos que exploram gananciosamente a photogravura em bilhetes postaes illustrados, o que seria um modo facil de as vulgarizar, contribuindo de passo para educar esthetica e civicamente o nosso povo. Ah! como seria interessante uma serie de postaes que comprehendessem os trechos principaes e caracteristicos dos variados monumentos que existem desprezados pelo nosso districto!

Tornemos ao Castro de Sacoias.

Appareceu mais uma figura de bronze que representa um cavallo. É de diminutas proporções (0^m,03 de comprimento) e de estilo rudimentar. Vid. fig. 3.^a As pernas e mãos apresentam-se compactas, sem vestigio algum que figure separadamente estes membros, d'onde vem semelhar a parte anterior uma cauda de peixe, comquanto a posterior seja bem de cavallo. Falta-lhe parte do focinho e da cauda, por fractura na occasião de ser encontrado. A orelha direita não mantem proporção com a esquerda: é menor, mas parece que já saíram ambas assim das mãos do artista.

Esta figurinha devemos aproximá-la do bezerrinho de bronze que está na Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, de que aqui se deu gravura¹, e teriam ambas destinos identicos de ex-votos ou symbolos cultuaes².

Tambem numa sepultura pertencente á classe das chamadas *cistas*³ formada por pedras schistosas da região, sem apparelho algum, postas de cutelo, orientada nascente-poente, ainda intacta, mas tão corroidos os ossos que se desfaziem mal se lhe tocava, appareceu um anel de

¹ *O Arch. Port.*, 1, 313.

² J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, II, 283 sgs.

³ *Id.*, *Ibid.*, 1, 308.

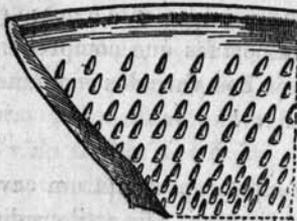
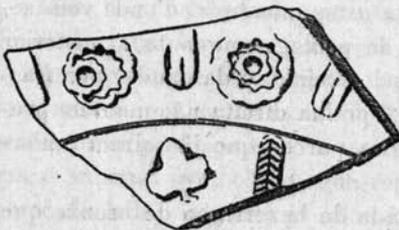
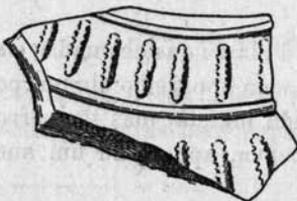
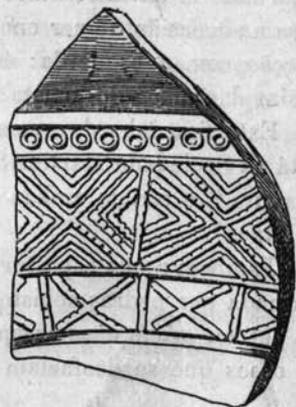
bronze constituído por delgada e singela lamina despida de ornatos. A sua secção externa convexa é internamente apurada em aresta muito pronunciada, sem duvida para facilitar a segurança nos dedos. A lamina não apresenta diametro perfectamente igual, talvez devido á acção do tempo. Fig. 4.^a

Fig. 4.^a

É de notar que ossos humanos, mas sem condições de se prestarem a estudos anthropologicos, por se desfazerem mal se lhes tocava, appareceram em grande quantidade em varios sitios onde se fizeram escavações, afastando a hypothese de seus moradores haverem usado a incineração.

Ceramica:

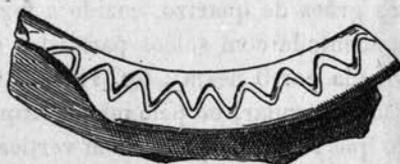
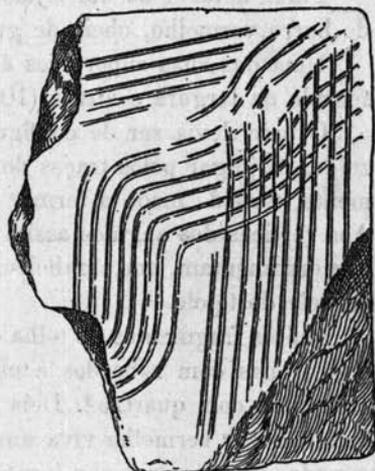
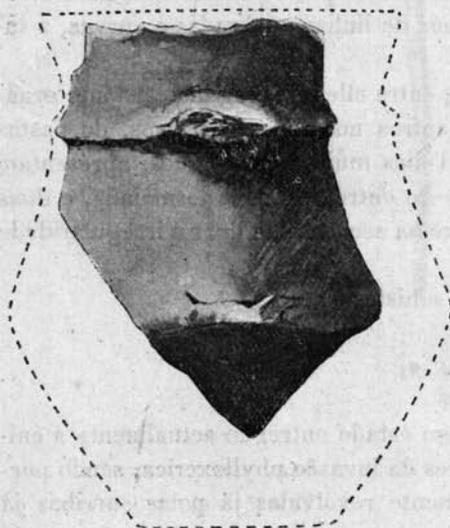
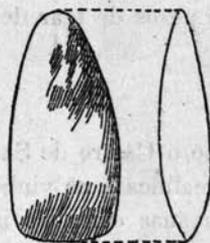
Fragmentos de louça vermelha do typo arretino, tambem chamado saguntino, vulgar nas estações archaicas dos primeiros seculos da era

Fig. 5.^aFig. 6.^aFig. 7.^aFig. 9.^aFig. 8.^a

christã, notavel pela finura e homogeneidade das pastas, perfeição do fabrico e superioridade do verniz que os reveste, cujo processo da

composição ainda hoje é segredo, a despeito das tentativas dos chimicos feitas para o descobrir. Esta louça é ainda notavel pela elegancia dos ornatos, incisos num fragmento de bocal de vaso grande, e em relevo no bojo de outros menores, infelizmente todos irreconstituiveis, que apenas nos mostram oito typos de ornamentação diversa; figs. 5.^a a 9.^a

Não estando ainda bem estudada esta unidade fictil entre nós, e faltando a estes fragmentos as marcas dos oleiros, apenas os motivos ornamentologicos trarão alguns elementos para determinar a proceden-

Fig. 10.^aFig. 12.^aFig. 11.^aFig. 13.^a

cia d'este typo ceramico, originario de Arretium, d'onde se espalhou por todo o imperio romano dois seculos antes da era christã, havendo até outros centros de producção como Tarraco entre nós.

Typo de louça cinzenta. Fragmentos de vasos notaveis pela sua pouca espessura, finura, homogeneidade e dureza das pastas.

Não tem ornatos.

Typo de louça vermelha. É enorme a quantidade de fragmentos d'esta louça, que no Castro de Sacoias se encontra a cada passo mesmo

á superficie da terra, grosseiròs, cheios de volumosos grãos de quartzo, de paredes muito espessas, alguns chegam a 0^m,026, duros, de ornatos geometricos incisos, grosseira e irregularmente, na parte superior junto aos bocaes; figs. 10.^a e 11.^a Infelizmente nenhum vaso encontrámos completo, se bem que haja noticia de haverem apparecido muitos quando o Castro andou entregue á cultura vinicola, porque os trabalhadores os quebravam na persuasão de encontrar o ouro nelles *encantado* pelos Mouros.

Parte notavel de um tejo (later) de 0^m,065 de espessura media, de barro vermelho, cheio de grossos grãos de quartzo, cozido a fogo.

Uma das suas superficies é ornamentada com sulcos parallelos no sentido da largura e altura (10 naquella por 5 nesta); fig. 12.^a

O todo devia ser de configuração triangular, ou pelo menos trapezoidea, a julgar pelos traços do lado que resta, pois não caem verticalmente, mas de modo a formar com os correspondentes angulo agudo. Aos vertices dos angulos assim formados pelos sulcos veem dar outros que ornamentam, em parallelismos de linhas quebradas e curvas, a superficie do tejo.

Muitos fragmentos de telha e entre elles tres tegulas bastante grandes, planas com rebordos e chanfros nos topos extremos, de pastas grosseiras com quartzo¹. Dois d'elles muito bem cozidos, apresentam uniforme côr vermelha viva um e o outro amarella desmaiada, e duas camadas de côr variavel o terceiro na secção, a indicar a irregularidade da cozedura.

Seis pesos de tear de pedra schistosa.

*

Como o Castro de Sacoias tem estado entregue actualmente á cultura cerealifica e ao vinhedo antes da invasão phylloxerica, sendo portanto as suas camadas intensamente revolvidas já pelas surribas já pela praga dos sonhadores de thesouros, não é possivel precisar, pela collocação dos objectos nas camadas respectivas, a ordem chronologica das civilizações que por elle passaram, nem mesmo se os objectos, que vamos descrever, ali encontrados pertenceram a seus moradores, o que o collocaria na classe dos castros mistos², ou foram posteriormente para lá importados.

¹ [Conviria anotar se são trapezoidaes ou não—F. A. P.].

² J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, I, 32.

Eis esses objectos, pertencentes á civilização prehistorica, unicos documentos d'ella até hoje encontrados no Castro de Sacoias:

Um machadinho muito bem polido, de fibrolithe, com manchas pretas, de secção circular. O seu todo semelha um cone no qual a base foi substituida por um gume, motivado por duas chanfraduras resultantes da fricção sobre uma pedra de amolar, o que lhe dá um achatamento ligeiramente convexo. Tem de comprimento 0^m,031, de largura na base 0^m,013 e de espessura maxima 0^m,008; fig. 13.^a

Outro machado de pedra. Tem a fôrma rectangular modificada convexamente nos dois lados que produziram o gume de secção circular, por desbastamento feito anterior e posteriormente em toda a sua extensão. No outro extremo opposto ao do gume, e num dos lados, notam-se-lhe falhas produzidas por fractura no acto de ser encontrado. Tambem supponho que serão devidas ás guinchas do operario que o desenterrou duas estrias ou sulcos, que numa das faces do gume semelham esta figura; fig. 14.^a



Fig. 14.^a

Tem de comprimento 0^m,13 e de largura variavel entre 0^m,034 e 0^m,041.

Viria agora a proposito fallar nas còvinhas (*fossettes*), da grande pedra schistosa que cobre a fonte do povo, em Baçal, proveniente tambem das immediações do Castro de Sacoias, mas noutra occasião o faremos.

Baçal, Julho de 1907.

P.^o FRANCISCO MANOEL ALVES.

Moeda inedita de 2 cruzados de 1646

Nos dias 3 a 7 de Setembro de 1896 visitámos, em Zürich, os medalheiros de Julius Meili¹.

Sinceramente confessamos que nos cinco dias, apesar de bem aproveitados, não pôde ser comprehendido o exame attento e a apreciação completa das medalhas, moedas, condecorações, e notas fiduciarias do Brasil e das moedas, medalhas, papel moeda, contos para contar, senhas, pesos e veronicas de Portugal. Maravilha a contemplação de qual-

¹ Falleceu a 26 de Setembro do corrente anno. Na obra que temos em preparação, *Iconographia Monetaria de Diu*, será particularizada a biographia do illustre extinto e mencionada a resenha dos notaveis livros que publicou, visto que tal obra é dedicada á memoria d'elle.